

AS FRONTEIRAS SEXUAIS E OS ESQUEMAS CLASSIFICATÓRIOS:

no contexto social nasce o corpo homoerótico.



Selma Reis Magalhães⁰¹

RESUMO

A proposta é apresentar, aqui, o resultado da pesquisa sobre juventude gay e seus projetos de vida familiar, com inclusão da paternidade, desenvolvida entre os anos de 2012 a 2015 nas escolas públicas de periferia da cidade de Salvador. Escolas sedimentadas em territórios com alto índice de violência, crime organizado e tráfico de drogas. Jovens gays, negros, com idade entre 18 a 29, que vivem economicamente da renda como ambulantes. Como metodologia foi utilizada a técnica da entrevista. A análise dos dados se constituiu no momento de discutir questões relacionadas às representações, por ser o público alvo da pesquisa jovens que lidam com questões raciais, de gênero e sexualidades. Identificam-se como gays, mesmo convivendo numa sociedade ortodoxa para o erótico heterossexual, que os consideram seres pervertidos, incapazes de constituírem uma vida familiar, com a presença de um terceiro elemento na vida do casal, que é o filho.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Juventude. Sexualidades.

SUMMARY: the proposal is to present, here, the result of research on gay youth and their family life projects, including fatherhood, developed between the years 2012 to 2015 in the public schools of the periphery of the city of Salvador. Schools fielded in territories with high rate of violence, organized crime and drug trafficking. Young gay people, black people, aged 18 to 29, living economically as income stalls. As methodology was used to interview technique.

The analysis of the data has time to discuss issues related to country offices, to be the target audience of young research dealing with racial issues, gender and Sexualities. Identify themselves as gay, even living in Orthodox society for the erotic heterosexual, who regard them as perverted beings, incapable of constituting a family life, with the presence of a third element in the life of the couple, who is the son.

KEYWORDS: Genre. Youth. Sexualities.

INTRODUÇÃO

Explorar um pouco as características da “cultura homoerótica” através do corpo masculino parece relevante quando se procura dialogar com a identidade hegemônica da masculinidade dentro da heterossexualidade normativa. O que interessa no momento, não é discutir a produção da homossexualidade ou heterossexualidade como senso ou contrassenso da sexualidade, mas como através das experiências sexuais, os jovens produzem o sentido do desejo, utilizando como ferramenta de análise o que se fundamenta como o “ideal de masculinidade”. Primeiro é preciso responder aos questionamentos: O que é erótico? Como se fundamenta o erotismo?

Para responder a tais questionamentos, é preciso analisar o corpo como fonte das inquietações sociais, da necessidade do “eu” e dos desejos que emanam das representações carregadas de significações. Assim, “no corpo estão inscritas todas as regras, as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário de indivíduos com o ambiente que o cerca” (DAOLIO, 1995, p.105).

A partir de então pode-se observar o corpo erotizado a partir das manifestações de uma das suas representações do corpo: desejo, como estrutura da relação do sujeito com o outro – uma relação simbólica, social e humanas que atribui identidade ao sujeito.

NAS FRONTEIRAS DAS SEXUALIDADES, NASCE O CORPO (HOMO)ERÓTICO.

Originado do latim *eroticus*, e este do grego *erotikós*, se refere ao amor sensual. Para a Psicologia, o amor paixão. Vinculado a Eros, na mitologia grega um deus jovem, alado e por vezes perverso, ou seja, Eros é o amor prazer. Para muitos teóricos como Branco (1987), o erótico não se define de forma precisa e cristalina, haja vista, que os caminhos de Eros são nebulosos e movediços. Para a autora é a busca pela outra metade que se define o impulso erótico.

Para, Bataille (1987), o erótico é a busca interior e não exterior. É preciso compreender que o desejo vem de dentro do indivíduo. O que confunde é que o erótico passou a ser sinônimo de outro elemento, no caso a sexualidade, que está no plano exterior do ser. “O erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente por colocar em questão a vida interior. O erotismo é, na consciência do homem, o que nele coloca o ser em questão. (BATAILLE, 1987, p. 53)”, enquanto a sexualidade ganha contornos ligados à dimensão do desejo nas relações carnis, em que homens e mulheres experimentam o prazer.

Assim, desejo e prazer se constituem por múltiplos signos, que varia do contexto social,

⁰¹ Selma Reis Magalhães é Doutora e Mestre em Família na Sociedade Contemporânea, Licenciada em História e Especialista em História Social e Educação pela Universidade Católica do Salvador. Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade Cayru.

passando pelo histórico e desaguando no cultural. Erótico e sexualidade passaram a serem vistas como análogas e promíscuas, quando o social aderiu a visão religiosa que virgindade e relação sexual era fruto, apenas, do casamento e para a procriação. Pensar o corpo erótico entre pessoas do mesmo sexo é considerar que no imaginário coletivo, ainda atentos as prescrições da religiosidade, os desejos e o prazeres entre elas são comportamentos desviantes, contrário ao que se concebe a relação entre os sexos.

O corpo erótico, portanto, aparece como fronteira das relações do “eu” com o “outro”, ou seja, a fronteira simbólica na construção dos desejos se organiza em torno das categorias e se conformam nas trajetórias afetivas, sexuais, reprodutivas dos sujeitos no social-histórico, como a heterossexual, que demarca os espaços de pertencimentos, de aceitação, de interesses e de poder. O corpo como território das identidades de sexualidades e gênero, se cruzam e se deslocam e se reinterpretam mutuamente a depender como os sujeitos são interpelados ou representados.

Jovem 1 : “Desde criança eu me sentia atraído por meninos. No começo, eu achava estranho, porque todos os meus amigos falavam das meninas que gostavam, ou que namoravam e eu inventava coisas usando o nome de uma grande amiga, na época. O meu comportamento mais feminino também vem desde criança, embora não seja indício de homossexualidade”.

Para Gagnon (2006) quando os sujeitos estruturam os cenários do desejo e as construções de si mesmo, criam roteiros como parte de um instrumental teórico que possibilita interpretar os contextos etnográficos de sexualidade e da “escolha”. A própria ideia de preferência nas relações homoeróticas em detrimento de outras categorias mais consagradas é uma tentativa de desconstruir os pressupostos existentes em construções como “orientação sexual” e “preferência sexual”, assim como em “homossexualidade” e “heterossexualidade”. (GAGNON, 2006, p.162)

Não se pode pensar, por exemplo, que os jovens que fizeram parte dessa pesquisa têm a mesma concepção de prazer, de desejo e de sexualidade, haja vista, de acordo com estudos de estudos Heilborn (2004), a elaboração de identidades sexuais, consideradas em um universo simbólico não pode ser marcada pela propagação do igualitarismo. No plano das práticas sexuais é preciso considerar as articulações entre identidades sexuais e os construtos

da atração erótica por pessoas do mesmo sexo. Tal análise se configura em linhas mestre para se atentar concretamente às normas e comportamentos de valorização das singularidades, das liberdades individuais e de afirmações das sexualidades.

O discurso do estudante prioriza a experimentação homossexual ainda na infância, onde aparecem períodos de predomínio de aspectos femininos como referencial das suas predileções. Mas há as contradições e conflitos quando nas relações de amizade, utiliza o seu lado masculino como uma de proteção – a amizade é idealizada. Ilustra-se, nesse caso, o sofrimento assumido por ter a sua orientação sexual não heteronormativa.

Jovem 1: “Professora sou andrógino”.

O jovem tem identificações para o gênero, entretanto, não gostaria de fazer a transsexualização. As referências, no momento do depoimento, correspondem à fase da incerteza e do medo na construção das relações com os outros e com o próprio “eu”. No trânsito das sensações apresenta a autoestima, as dificuldades que seu corpo transita entre o desejo e o prazer que os gêneros experimentam quando acoplados aos sexos e comportamentos heterossexuais. Um depoimento carregado de sofrimento, sobretudo, por causa do processo de socialização de meninos e meninas que são ensinados desde cedo as hierarquias e identidades de gênero. Por fim, o medo de perder a virilidade, causando desconforto e violência silenciosa, situando-o à margem da ‘normalidade’.

Segundo Isay (1998), a juventude é a fase da vida em que eles reprimem seus sentimentos por causa do medo da rejeição. A percepção do preconceito social, as atitudes dos pais e amigos fazem com que muitos adolescentes de doze até quinze anos, por exemplo, suprimem seus impulsos e fantasias sexuais e se negarem a si mesmos.

Jovem 1: “Às vezes eu prendia uma camisa na cabeça para simular um cabelo longo. Minha família soube disso recentemente, porque eu fazia tudo escondido, com medo de que eles deixassem de me amar.”

As incertezas são, aqui, entendidas com um conflito não só interno como social. No que diz respeito à família, muitas vezes essa não oferece uma formação a orientação sexual adequada aos filhos, ainda existe o tabu. Esperam que a vida os ensine e naturalize seus ingressos na vida sexual como heterossexuais. “É compreensível que, neste delicado e complexo contexto

semiótico, isto é, formado por sistemas interligados de signos e códigos, pais e filhos encontrem dificuldades em iniciarem conversas sobre sexualidade.” (DIAS; GOMES, 1999, p. 82).

Jovem 7: Alguns perguntam, outros não porque tem uns que eu dou intimidade e têm outros que eu não dou, realmente eu sou um tipo de pessoa que eu só gosto de me envolver com hetero, não gosto de me envolver com pessoas do mesmo sexo que eu porque eu acho que não dá nada certo, gay com gay pra mim não dá certo, eu só gosto de me envolver com hetero.

Para Moscovici (2011) e Jodelet (2005) que dialogam com os múltiplos processos das representações sociais, esses jovens podem ser categorizados como jovens que fazem parte das minorias desviantes, por fazerem parte de subgrupos sociais, que enfrentam às normas impostas pelos grupos, portanto, são sujeitos geradores de conflitos. Importante ressaltar que muitos deles não se apresentam, por exemplo, com o gênero discordante do sexo biológico, mas o prazer e o desejo, sim, fogem das normas entre a relação erótica entre os sexos.

Jovem 1: “ele me fazia como se fosse uma pessoa feminina pra ele e ele fazia a parte masculina, o ativo e o passivo, então eu era o passivo e ele masculino, logo no início.”

No processo de naturalização dessas identidades, aparece o gênero como elemento de fronteira classificatória para de discutir o corpo erotizados desses jovens gays – na maioria das vezes associado a sexualidade. Daí se fazer “interessante observar, neste sentido, quais os aspectos da “masculinidade” e “feminilidade” são escolhidos neste jogo com os papéis sexuais”. (FRY; MACRAE, 1983, p. 46).

Jovem 3: “[...] um homossexual que ele venha a ser passivo, ele tem uma mente feminina, ele vai amar, dar carinho; ele vai ser aquele homossexual que vai saber qual o gosto. Não que o ativo não venha saber, mas o passivo a mente deles tá mais pro lado feminino, a criação, o jeito, a tolerância.”

São discursos alicerçados pelos argumentos da diferença entre os sexos. Simbolicamente são pensados a partir de “uma série de injunções normatizantes que asseguram as fronteiras do sexo através da ameaça da psicose, da abjeção e da impossibilidade psíquica de viver”

(BUTLER, 2007, p. 169) e agrupados numa rede produtiva, os seus corpos eróticos homossexuais ao atravessar o corpo social se adequam ao determinismo patriarcal de que ao feminino é negado o desejo pelo prazer sexual. Em seu lugar é colocado o romantismo, a docilidade, a submissão.

Os discursos revelam o poder do heteroerótica, que é patriarcal, nas formas possíveis para se pensar a relação homoerótica, em que o “eu” exerce a posição semelhante ao da mulher. Suas sensações orgásticas, nas falas tem como base o poder masculino, simbolizado pela penetração, ou o ativo. O corpo erotizado, portanto, se configura a partir dos lugares que os sujeitos ocupam no momento do ato sexual, que é cultural para os sexos. Segundo Gagnon (2006), os roteiros sexuais não se localizam como experiência concreta, mas como uma expectativa de projetos ou mesmo fantasias sexuais. “Qualquer vida de um gay ou uma lésbica, feliz ou infeliz, assumida ou enrustida, é uma vida que foi criada e preservada, às vezes por um preço muito alto [...]” (GAGNON, 2006, p. 165), pois são identidades categorizadas e uniformizadas.

As representações binárias procuram constituir sujeitos homogeneizados, sedimentando nos seus discursos as estruturas que se alicerçam no fator biológico dos sexos em construções permanentes. Para Butler (2010), o corpo na dimensão biológica está imerso em uma “ordem compulsória” em consonância com o sexo, gênero e desejo, ou seja, dentro de uma ordem que contempla os diferentes. São corpos marcados pelas vulnerabilidades do macho e da fêmea que pressupõem necessidades de “ajuste”.

Outro aspecto nas fronteiras e os esquemas classificatório do corpo (homo) erótico desses jovens, é o afetivo-sexual em relação aos projetos de vida conjugal, principalmente a estabilidade conjugal e os projetos de vida a dois.

Jovem 2: “Eu namoro, tenho 2 anos que estou namorando... Primeiro, a gente vai comprar uma casa juntos. Meu companheiro, depois que a gente casasse quer que a gente (eh) adotasse um menino, eu peguei todas as vezes e dei risada, não disse que sim nem que não só fiz dar risada.”

Jovem 4: “Não, eu não quero ficar. Eu gosto de relacionamento sério, como estou num relacionamento sério que eu já tenho 5 anos já.... Se eu tiver precisando ele me ajuda, se ele tiver precisando eu ajudo ele, ele tem o emprego dele, eu tenho meu emprego, eu trabalho pra ter o que é meu, ele trabalha pra ter o que é dele, aí a gente comprou

uma casa, comprou os móveis, tudo junto... Foi, ele que me tirou de casa.”

Apesar dos depoimentos estarem marcados por identidades individuais, suas posições revelam o quanto é importante para eles a estabilidade do relacionamento com projetos de vida conjugal. Na expressão “Tirar de casa”, por exemplo, reporta-se ao período em que a virgindade era considerada tabu, e a sexualidade feminina era propriedade do homem de desposasse. A ideia circula como um ato de integridade do outro, no caso o companheiro, de reparar pelo erro de ser o primeiro a penetrá-lo.

Importante perceber nos discursos a relação de poder, que segundo Foucault (2009) age como uma força coercitiva aplicada pela sociedade aos indivíduos, logo em seus corpos geram os diferentes discursos sobre os territórios de identidades. “Em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições e obrigações” (FOUCAULT, 2009, p. 132). São corpos em que a sociedade cria os modelos aceitáveis para os comportamentos do macho e da fêmea e esses sujeitos, de formação, foram educados para uma vida em sociedade heterossexual. Daí desejarem o casamento no estilo heterossexual como garantia de direitos civis e como tentativa de superação da falsa “anormalidade” conferida aos homossexuais. Utilizando os estudos de Colling (2013), podemos afirmar que, historicamente, sejamos ou não heterossexuais, vivemos a herança da heteronormatividade.

Jovem 3 : Eu sou um pouco promíscuo por conta mesmo de muito cedo eu ter relacionamento sério e ter ficado com uma pessoa que era bissexual. E aí o que acontece? Terminamos e aí eu fiquei sentido, sofri, tudo muito cedo. Então assim eu tô curtindo, eu tô ficando e não vejo essa necessidade ainda de ter um relacionamento sério porque eu acho que um relacionamento tem que ser duradouro e tem que ter sentimento as pessoas.”

Jovem 6: Não, no caso, quando eu era mais novo, eu pegava vários, vários entre aspas né? Namorava com um aqui, não, sabe? Não tinha uma mente, hoje em dia não, eu prefiro pegar uma pessoa séria, namorar mesmo, ter um relacionamento sério mesmo, se não for isso nem quero.

As identidades eróticas não são naturalizadas, mas produto de construções culturais

que se amplia nos discursos do senso comum, e assim se constroem os sujeitos normais, adequados e sadios versus os diferentes, ou seja, aqueles que ferem as referências de gênero. A posição “normal” é de alguma forma legitimada e reiterada. O binarismo do gênero transita livremente nos territórios. Apesar de não negarem predileção sexual pelo homoerotismo, nem a materialidade dos corpos, seus discursos estão implicados pelas hierarquias do poder heteronormativo. Segundo Colling (2013), mesmo não tendo práticas heteroeróticas, esses jovens se comportam e aspiram, em seus discursos, o modelo do macho heterossexual. O que é ser promíscuo? Seria ter impulsos complexos que envolve os sexos em corpos eróticos, no sentido da perversão como ponto-chave do desejo? Nesse sentido, as práticas sexuais são guiadas por diferentes estilos de vida sexuais, como ilustra Gagnon (2006, p. 67), “uma reinterpretação de variáveis que atendem a diferentes necessidades sociais e psicológicas entre os sujeitos”.

Importante observar nos discursos são os resultados das trocas não correspondidas, tendo como consequência a sensação de medo por uma nova paixão, haja vista, o amor romântico para eles, é baseado na cumplicidade, na troca de carinho e na dependência do afeto - quando há a ausência desses fatores, os sentimentos se transformam em decepção e negação. São os discursos que ilustram as violências subjetivas entre o “eu” e o “outro”, que na concepção de Moscovici (2011, 79), é um “contraste entre os princípios e a realidade”. São comportamentos que desenham situações diversas. Conscientes ou inconscientes demarcam o fator exclusão por causa da sexualidade. Eles não só criam conflitos internos, como também um “sentimento de culpabilidade” (MOSCOVICI, 2011, p.79), o que justifica seus pontos de vista, quando adotam um estilo de vida através de renúncias.

Em contrapartida, há momentos em seus depoimentos que esses jovens se mostram contrários ao que afirmaram anteriormente sobre relacionamentos estáveis, por acreditarem que a juventude é o momento fascinante na vida do ser humanos. Por serem jovens, preferem “ficar”, viver a liberdade. Isto não os isenta de terem um relacionamento sério, apenas defendem circunstâncias que podem estar com o outro sem proximidade afetiva ou seja, têm em mente, em determinado momentos, que a liberdade do “ficar” lhes proporciona um ir e vir mais solto, o que lhes permite conhecer novas experiências:

Jovem 3: “Eu tive uma relação, estava com uma pessoa amiga e uma terceira pessoa queria comigo. Ele hetero, considerado como hetero, nos beijamos,



tiramos roupa, ficamos nus né? Não foi amor porque foi assim, à primeira vista e ter uma relação, então não foi amor, foi um prazer ali rápido.”

Jovem 5: “Eu namorei 6 meses, terminei, foi meu primeiro namorado, sério mesmo porque pegava um aqui, outro ali, outro ali. Terminei por causa de ciúmes, era muito ciumento. Pegava muito no meu pé, me prendia demais, queria ser dono da minha vida...”

Tais depoimentos interferem nos esquemas classificatórios das fronteiras sexuais dos jovens, quando evidenciam fazerem parte de uma geração em que dissocia relacionamento de casamento. Com maior liberdade sexual, “o ficar” - uma relação passageira e requer um grau mínimo de afetividade - é traduzida pela atração física, apenas, como objeto de aproximação dos corpos. Segundo Tiba (1994) quem vê de fora pensa que são namorados, porque se beijam e se acariciam, mas há a falta de compromisso, componente básico do namoro. Em uma noite, por exemplo, um jovem pode ficar com três ou mais parceiros; o simples fato de beijar já caracteriza “o ficar”, mas não tem a

obrigatoriedade do compromisso, como existe no namoro.

Jovem 7: “A maioria dos que eu peguei realmente se relaciona com homem e com mulher, disse que fica com mulher, namora com mulher e quando alguma vez assim curte, curte gay, mas não é só dizer curte gay, gay, gay, gay não, bissexual.”

Utilizando os roteiros sexuais, defendidos por Gagnon (2006), a constituição sexual e do desejo, assim como o sentido do amor e da estabilidade no relacionamento podem ser percebidos a partir da roteirização das condições sociais e cotidiana que dá a cada um deles a possibilidade para viver o erótico. O erótico, portanto, pode ser percebido no universo dos jovens gays sob várias versões, mas o mais importante nesse trânsito é como se compreender os fenômenos que se encontram nesse jogo de interesses. Ele se constitui um ato, onde os jovens concebem a si e ao outro. Doravante são as mais variadas interações sociais que os conduzem a ação prática, às vezes, vivenciando sentimento que consideram “amor”, em outros momentos não, traduzindo o momento como

“paixão”.

Jovem 7: “Só dois, que é boy, boy, boy, é gay só que é boy, gay machuda.... É porque ele é gay, mas aos olhos do povo que olha pra ele pensa que ele é heterossexual, pelo jeito dele se vestir, pelo jeito dele ser, que não é mole... quem não amostra assim afeminado é gay machuda”

As aspirações pessoais afloram na juventude através das descobertas, das relações amorosas, das primeiras experiências sexuais vem carregada de contradições e conflitos entre as diferentes possibilidades de viver a sexualidade e a própria definição de identidade sexual. Os discursos são carregados de forte pressão para a conformidade aos padrões sexuais dominantes. Suas crenças pairam na existência de um modelo de homem idealizado, que representa a verdade de masculinidade, nega os vínculos mais profundos de afetividade que pode viver o homossexual.

Observa-se um conceito novo para discutir os esquemas classificatórios, onde estão presentes situações que envolvem o corpo homoerótico. O jovem categoriza alguns homens homossexuais como “gays machudas”. Usando uma linguagem mais técnica, presente no senso-comum, o grupo de homens considerados “machudas”, são aqueles que tentam reprimir sua atração por pessoas do mesmo sexo, por não conseguirem compreender seus próprios impulsos. Segundo Isay (1998), os “gays machudas” fazem parte de grupo de homens que sofre bastante por não aceitarem sua homossexualidade e sentem necessidades de adequar às expectativas da sociedade, muitos deles decidem pelo casamento heterossexual. Normalmente estão numa zona instável, se de um lado tornar sua homossexualidade pública significa arcar com os preconceitos e a estigmatização, por outro experimentam um relativo conforto e respeitabilidade no social que é conferido a heterossexualidade.

No livro “Uma Interpretação do Desejo”, Gagnon (2006), analisa as escalas do desejo utilizando os estudos de Alfred Kinsey, na década de 1950, sobre as diferentes práticas sexuais dos seres humanos e os conflitos e tensões sobre as condutas, a partir das proporções de atos sexuais - incluindo as fantasias que os sujeitos tinham com o outro sexo e com o mesmo sexo.

Na teoria de Alfred Kinsey, os indivíduos não têm durante todo o ciclo de vida, uma quantidade substancial de experiências eróticas com o mesmo gênero, nem representa uma categoria unitária. Defende que em cada fase da vida, o indivíduo está associado a uma nova fase da

sexualidade, portanto, o comportamento sexual pode ser descrito num continuum, denominada escala de 0 a 6, onde cada um dos extremos representa um comportamento exclusivamente heterossexual ou homossexual e na interface permanece as predominâncias. Na escala de 1 a 5 encontramos aqueles que são considerados heterossexuais e apenas incidentalmente homossexuais; os heterossexuais e com experiências homossexuais mais que incidentais; aqueles que são igualmente heterossexuais e homossexuais; os homossexuais e com experiências heterossexuais mais que incidentes; homossexuais e apenas incidentalmente heterossexuais.

Jovem 2: “[...]Jesse Arlindo também era gay, é gay e se ajoelhou nos meus pés querendo namorar comigo, ele se ajoelhou, eu falei assim: não dá você é gay igual a mim, não dá pra namorar com você porque eu gosto de homem e você não é homem, você é gay e aí ele se ajoelhou dizendo que eu desse uma chance a ele... eu não sabia que eu podia me apaixonar por outro gay.”

A partir do depoimento acima é possível perceber que o estudo de Alfred Kinsey representou uma grande ruptura no comportamento do corpo erótico. A homossexualidade, a masturbação e o sexo oral são atividades comuns na “herança mamífera”, portanto, tais atividades entre os sujeitos representa a diversidade da natureza e não a perversão e desvio de uma norma biológica.

O problema do jovem em relação ao outro, é a humanidade construiu no processo histórico-social uma sexualidade com graves tensões entre as ofertas da natureza e as restrições culturais. Na natureza há uma variedade de ofertas que os seres humanos, ainda, denominam de natureza não controlada em relação aos desejos, prazeres e satisfações sexuais. São instintos naturais polidos pela cultura e de maneira repressora, discriminatória e preconceituosa – o ato sexual, em si, está diretamente relacionado ao fator reprodução, procriação e perpetuação da espécie.

Ao se debruçar sobre as pesquisas de Gagnon (2006), em relação a roteirização, é possível perceber que a escala de Kinsey em relação as sexualidades existentes no universo humano, é uma constatação empírica quanto a variedade de tipos de sensações eróticas que o indivíduo pode experimentar, também, ao longo da vida. Para Gagnon, não se pode afirmar que todo homem gays é homossexual porque faz sexo com outro homem, mas porque tem comportamento gay, haja vista, que muitos homens que tem relação com outros homens, não se apresentam como gays porque não se pensam como gays.

Jovem 7: “ Só dois, que é boy, boy, boy, é gay só que é boy, gay machuda.... É porque ele é gay, mas aos olhos do povo que olha pra ele pensa que ele é heterossexual, pelo jeito dele se vestir, pelo jeito dele ser, que não é mole... quem não amostra assim afeminado é gay machuda”

A roteirização das sexualidades e as motivações para os desempenhos imediatos, em geral, costumam restringir-se as causas ou os motivos extraídos dos campos convencionados da sexualidade e do gênero estabelecidos pela heterossexualidade. Há nos depoimentos dos jovens uma complexidade de identidades sexuais. Em suas falas há momentos de instabilidade marcantes em relação “ao que eu sou” e “como o outro se percebe”. Se em determinados momentos se auto definem gays, por sentirem-se atraídos por outro indivíduo do mesmo sexo, suas falas são heterossexuais, pois o outro não é gay, logo, eles são o lado fêmea e feminino da relação. Eles não definem os pares como: somos gays, a nossa relação é gays, a nossa visão e pontos de vistas são os prazeres do corpo dos iguais. De volta a escala de Kinsey, os comportamentos são recheados de reações de reações, fantasias, posições que determinam, também relações de poder.

São leituras que trazem substanciais análises para se compreender que “o corpo não é um lugar sobre o qual uma construção tem lugar, é uma destruição que forma o sujeito” (BUTLER, 2010, p.147). Sendo assim, esses jovens estão

vivendo um momento de transitoriedade na busca individual, de construção do universo dos prazeres. Por certo transitam por mais diversos vieses de conflitos sejam eles, étnicas, social e de gênero. Nesta dimensão destaca-se o fato de a subordinação feminina e a dominação masculina constituírem uma linha divisória de poder na configuração de suas falas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sujeitos da pesquisa apresentam experiências sexuais concretas, ligadas as reações que Kinsey denomina de “reações psicossociais”, ou seja, reações excitadas por diversos estímulos físicos, visuais, mentais, entre outros que eles veem no outro – o parceiro. Consciente ou inconscientemente constroem suas performances identitárias. Em algumas passagens vão para além da relação binária quando o parâmetro de análise do desejo são os sexos, mas suas experiências de desejo e prazer volta-se para o binário quando o parâmetro de apreciação são os gêneros.

As fronteiras sexuais e os esquemas classificatório para se entender o os mecanismos do corpo homoerótico são diversos, pois para sobre esse corpo investimentos simbólicos, uma parte subjetiva do “ser”, relações de idade e de poder. Segundo Bourdieu (2007) os sistemas simbólicos que se estabelecem na relação homoerótica, nada mais do que a oposição ativo/passivo, penetrador/penetrou-a, identifica e segue uma lógica de dominação -o penetrador é o que domina - e os jovens, nesse momento, se sentem feminizados por participarem de uma relação sexual que só se aplica a uma mulher.

Os interlocutores apesar dos conflitos existenciais se percebem em múltiplas situações que vai desde as relações assimétricas para os sexos, perpassando pelas fronteiras na construção do gênero, até chegarem à construção da sua própria identidade, quando podem afirmar “sou gay e vou encarar a vida de gay. O poder simbólico é tão forte que em uma de suas falas o companheiro se auto afirma: “não ser gay”, o que apresenta um grande conflito de identidade.

Referências

- BATAILLE, Georges. O erotismo. Porto Alegre: L&PM, 1987.
 BOURDIEU, P.A dominação masculina. Tradução Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
 BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
 BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
 COLLING, Leandro. A igualdade não faz o meu gênero: em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. Revista Contemporânea, v.3, nº2, p. 405-427, jul-dez 2013.
 DAOLIO, Jocimar. Da cultura do corpo. Campinas, SP: Papius, 1995.
 DIAS, Ana Cristina Garcia; GOMES, William B.. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: a percepção dos pais. Estud. psicol. (Natal) [online]. 1999, vol.4, n.1, pp. 79-106. ISSN 1413-294X.
 FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
 FRY, Peter; MACRAE, Edward. O que é homossexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1983.
 GAGNON, John. Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
 HEILBORN, Maria Luiza. Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.
 ISAY, Richard A. Tornar-se gay: o caminho da auto aceitação. São Paulo: Summus, 1998.